

“Práticas culturais de cidadania nas fronteiras entre o local e o global: a Associação Cultural e Recreativa de Tondela”

Duas questões estiveram na origem desta investigação¹. A primeira diz respeito à reflexão sobre os possíveis lugares das práticas culturais inovadoras de cidadania nas sociedades contemporâneas, caracterizadas pela permeabilidade das fronteiras entre o local e o global (em cuja fronteira ressaltam inovadoras configurações para a cidadania) e pela consequente preponderância de dinâmicas culturais e educativas inovadoras, desenvolvidas ao nível dos espaços sociais descentralizados.

A segunda questiona os nossos lugares como cidadãos comprometidos com as comunidades em que estamos inseridos, ou seja, socialmente implicados na construção de sociedades socialmente inclusivas (política, económica e culturalmente).

Destaco aqui três fenómenos característicos das sociedades pós-modernas e que ajudam a contextualizar este trabalho. Em primeiro lugar refiro-me à redução do campo de acção do Estado-Nação na definição de identidades individuais socialmente activas. Não podemos também ignorar a influência dos processos de globalização cultural na reconfiguração das identidades culturais dos lugares. Por último, assume preponderância nos nossos dias a existência de dinâmicas culturais ao nível do local que contribuem para a projecção das identidades desses territórios descentralizados no exterior.

É a partir deste contexto caracterizado pela influência dos fluxos culturais de inter-relação entre o local e o global na definição das identidades dos lugares; onde cada vez mais as identidades individuais sofrem processos de adaptação constante; em que cada vez mais temos que considerar a articulação entre modernização e tradição; onde a inovação

¹ O trabalho de investigação aqui apresentado e posto à discussão resulta da tese de mestrado em Sociologia intitulada *Dinâmicas Culturais e Cidadania: as Culturas Locais na Pós-modernidade. Um Estudo de Caso*, orientada pelo Professor Doutor Carlos Fortuna. Esta tese, defendida a 11 de Maio de 2004 na FEUC, está enquadrada no Programa de Mestrado em sociologia *Políticas Locais e Descentralização: as Novas Áreas do Social*.

científica apresenta novos dilemas ao indivíduo; em que os governos pecam pela representatividade, que defino as duas linhas de reflexão que estiveram na base deste trabalho.

Em primeiro lugar, proponho-me reflectir sobre a forma como a identidade cultural do local consegue articular a suposta fidelidade à tradição cultural com as influências culturais do global. Em segundo lugar, questiono-me sobre possíveis práticas cívicas de cidadania cultural (entendidas no sentido de práticas culturais cívicas, originadas no seio da comunidade local) e sobre a forma como podem contribuir para a democratização cultural.

O Grupo de Teatro Amador Trigo Limpo/Associação Cultural e Recreativa de Tondela (A.C.E.R.T.) constituiu o objecto empírico subjacente à investigação desta tese de mestrado, no período compreendido entre o pós-25 de Abril de 1974 e o ano de 2001 (altura em que a associação completou 25 anos de existência). Foi partindo deste objecto de estudo que faz sentido questionar a forma através da qual a associação conseguiu articular a dinamização cultural no local e a democratização cultural com a resposta à diferenciação social, característica da pós-modernização? Ou seja, como articulou territorialização da prática cultural com abertura ao exterior?

A pesquisa empírica em torno deste objecto de estudo compreendeu uma primeira fase exploratória e uma fase de trabalho de campo na sede da Associação e em Tondela (com a realização de entrevistas, pesquisa documental e algumas acções de observação participantes no âmbito de eventos culturais da A.C.E.R.T.).

No pré-25 de Abril de 1974, Tondela possuía poucas alternativas socioculturais, sendo caracterizada por uma estrutura social muito hierarquizada. As alternativas culturais resumiam-se a práticas teatrais convencionais, a pontuais e incipientes intervenções teatrais mais modernizantes e à existência de uma tradição forte ao nível das festas populares. O pós-25 de Abril foi caracterizado por um aumento, embora moderado, de influências culturais experimentalistas e independentistas no espaço público. Foi neste contexto que surgiu o Grupo de Teatro Amador Trigo Limpo, como resultado da tomada de consciência de um grupo minoritário de indivíduos para a necessidade de intervir socialmente através da actividade cultural, com vista a alterar a tendência de agonia social no local.

A intervenção do grupo era caracterizada pela criação artística aberta à comunidade, por uma acção de carácter independente, pelo comprometimento com a divulgação das tradições do local a partir da inspiração no modo de vida das populações, pela forma como animação cultural se confundia com intervenção social e pela acção itinerante pelo concelho, estimulando o contacto com públicos heterogéneos.

Com a formação da A.C.E.R.T., é criado um espaço plurifuncional para a prática pluridisciplinar. A Associação tem vindo a valorizar a cooperação e a troca de influências com instituições regionais, estimulando assim os laços de inter-influência e troca mútua com o exterior (através da formação, da itinerância e da organização conjunta de eventos). Pela criação de um movimento cultural de carácter independente a sua linha de acção alternativa tem vindo a caracterizar-se pela dinamização cultural de espaços não convencionais com vista a construir estratégias de aceitação comunitária. Na tentativa de investir simultaneamente no incentivo a

práticas culturais de cidadania e na dinamização de laços de interinfluência com o exterior, foram desencadeadas acções de revitalização e reabilitação de espaços não convencionais, transformando-os em sedes do grupo. Desta forma pretendeu-se investir na dinamização de Centros Culturais de Desenvolvimento Regional, caracterizados pela pluridisciplinaridade e pela plurifuncionalidade social dos espaços cívicos de acção. Mas esta aposta na dinamização de espaços-sede originou a necessidade da profissionalização do grupo de teatro, constituindo-se o Núcleo de Estudos e Recursos Culturais. Este facto resultou da necessidade de procura de outros contextos socioculturais internacionais, o que implicou a criação de um grupo de acção teatral alternativa e consistente no interior, com vista à construção de uma dinâmica cultural que construísse um sentido de comunidade.

Optei por caracterizar a forma de acção cultural do Grupo/Associação com base na análise dos quatro 'is': Inovação, Internacionalização, Intermediação e Integração.

No que diz respeito às estratégias de inovação cultural, pretendi identificar espaços sociais de emancipação alternativa. Ou seja, formas de expressão dessacralizadoras das convencionais alternativas culturais. Tendo em conta o contexto do pós-25 de Abril, a criação cénica do grupo foi entendida como espaço de e como veículo para a aprendizagem e para a reflexão social e política. Outra estratégia de inovação tem vindo a relacionar-se com a necessidade de interligação com outros actores locais e translocais. Mas é na produção de dinâmicas culturais combinatórias e ambivalentes que tem vindo a residir o carácter mais inovador da acção da associação. Este carácter híbrido da acção cultural (e, portanto, mais democratizante) tem-se concretizado na definição de espaços sociais de interligação cultural, no facto dos intervenientes da A.C.E.R.T. desenvolverem relacionamentos multidimensionais (rural/urbano, laboral/estudantil), na construção de processos heterogéneos de produção de práticas culturais (recuperação e recombinação actualizada de materiais da comunidade), na revivificação de espaços públicos pela acção cultural, na construção de espectáculos de rua de grande dimensão e no entendimento do carácter móvel do espectáculo.

No que diz respeito à internacionalização das relações artísticas e culturais e com a nova visibilidade atribuída à cultura local e ao espaço social localizado, é de considerar que a construção de relacionamentos internacionais não pode ser efectuada sem o desenvolvimento de comunidades regionais socialmente activas e portadoras de identidades próprias. A descentralização cultural dos anos 80 e 90, teve a sua expressão ao nível da Associação no reforço dos intercâmbios e da cooperação artística e cultural internacional (nomeadamente com Moçambique, Brasil e Galiza) e no estímulo à formação pluridisciplinar da comunidade civil. Desta forma, têm vindo a ser readaptadas localmente as influências do exterior e reinventada a identidade cultural do local. A reinvenção das raízes da cultura tradicional dos locais é assim feita pela realocação da permuta internacional.

No que diz respeito aos processos de intermediação, estes têm vindo a ser concretizados pela mediação de influências entre espaços urbanos e rurais, pela recriação das ofertas culturais em articulação com um conjunto radial de intermediários-criadores, pela mediação entre circuitos de produção (cenas culturais locais) e circulação (escolas e redes

internacionais), pela mediação entre dinamizadores culturais e públicos e pela confluência entre géneros mais tradicionais e mais modernos na recriação das tradições locais.

A A.C.E.R.T. enquanto estrutura de desenvolvimento e integração social, propôs-se desenvolver dinâmicas culturais ascendentes. Na sua relação com escolas, grupos culturais, associações, instituições de poder local, tem potencializado a oferta cultural no local (em termos de formação, produção, recepção e fruição). Ao recriar as festas tradicionais, ao promover a escrita colectiva e ao construir espectáculos de rua com envolvimento do público tem vindo a desenvolver estratégias de dinamização para a participação activa. Ao possibilitar a construção de situações sociais que dão relevo a situações de dominação social, contribuiu para a criação de comunidades de sentido com origem na sociedade civil. Paralelamente, o próprio carácter da actividade artística, pelo seu estímulo à reflexão social, estimula a integração social. Também a reutilização cultural de espaços não convencionais apresentou-se como veículo para a integração das comunidades locais.

A partir deste estudo de caso, proponho que se reflecta sobre formas de democratização das práticas culturais. Parece-me evidente que, para se poder falar de cidadania cultural, não é suficiente democratizar os acessos à cultura. É sim necessário estimular a criatividade e encontrar novas formas de expressão democrática, que sejam também formas de expressão de outros grupos culturais, que assim encontrem novas configurações para o entendimento das práticas culturais de cidadania no contexto da globalização. Na articulação necessária entre os processos sociais do local e do global os formatos culturais adoptados implicarão com certeza a urgência da participação cidadã em projectos de sociedade.

A estratégia de acção da A.C.E.R.T., ao desenvolver mecanismos de *empowerment* das comunidades, ao investir na reconfiguração das especificidades históricas, culturais e sociais do local e ao cultivar uma situação de 'fronteira' com as dinâmicas culturais exteriores, contribuiu para a criação de uma identidade cultural específica neste local. Esta identidade resultou de processos constantes de mediação entre indivíduo e sociedade, entre tradição e modernidade, entre o urbano e o rural, entre o local e o global.

Cláudia Monteiro Pato de Carvalho

claudia_pato2003@yahoo.com

Agosto de 2004